

O QUE É QUE A BAHIA TEM?

Ana Carolina Bierrenbach

FAUFBA, Rua Teixeira Leal 125/301 Graça, Salvador / BA, CEP: 40.150-050, Brasil, e-mail: linabiba@yahoo.com

Juliana Cardoso Nery

FAUFBA, Rua Francisco Rosa, 500 / 206 A, Cond. Vivendas da Praça, Rio Vermelho, Salvador / BA, CEP: 41940-210, Brasil, e-mail: jcnery19@yahoo.com.br

RESUMO

Os anos compreendidos entre 1955-1975 no Brasil são momentos de radicais mudanças que vão da eufórica, porém controversa, construção de uma nova capital nacional ao mergulho numa ditadura militar. Porém, a tutoria autoritária da produção cultural, sob a qual se deu uma generosa produção arquitetônica desse momento era algo bastante familiar aos brasileiros desde a “Era Vargas”. No entanto, bem diverso do orgulho nacional tão cultuado e celebrado dos primeiros tempos modernos, o vínculo irremediável com a ditadura, talvez ajude a explicar, mesmo que parcialmente, a escassez de pesquisas sobre as obras dessa fase.

Os anos 60 sem dúvida nos remetem a desdobramentos centrais na implementação da política desenvolvimentista com forte impacto no espaço urbano e na arquitetura, que muitas vezes se expressou através de uma linguagem brutalista, de traços similares no país, porém de modo bem mais heterogêneo em cada região brasileira do que aquele que a historiografia brasileira tem registrado.

Percebe-se que há manifestações brutalistas que acontecem simultaneamente no Brasil que divergem geograficamente, conceitualmente e arquitetonicamente das já reconhecidas e evidenciadas manifestações do “brutalismo paulista”. Assim como alguns autores vêm contribuindo com o alargamento do entendimento do brutalismo e da primazia do centro irradiador inglês, revelando a pluralidade geográfica, a polissemia dos conceitos e a polivalência das soluções arquitetônicas no mundo, isso também acontece de maneira similar em relação à produção paulista e as demais realizações no vasto território brasileiro. Mas como afirma Ruth Verde Zein (2007) há “aparências” comuns que permitem o reconhecimento de todas essas obras como brutalistas.

Esse trabalho então visa abrir uma linha de investigação que se propõe a ampliar esse entendimento a partir do estudo de um caso específico de manifestações baianas. O texto trata dos edifícios da Universidade Federal da Bahia que apresentam esse mínimo denominador comum brutalista, a saber: a Faculdade de Arquitetura de autoria de Diógenes Rebouças (1964/1965); o Instituto de Matemática, o Instituto de Biologia, o Instituto de Física, o Laboratório de Fracas Radioatividades e o Instituto de Geociências, projetos da Equipe do Serviço de Engenharias do Campus Universitário da UFBA (1966/1968); a Faculdade de Administração, a Faculdade de Educação e a Faculdade de Medicina, da Equipe da Prefeitura do Campus da UFBA (1971-1976).

Esses edifícios foram construídos nas décadas de 60 e 70, num momento em que se intensifica a federalização do ensino superior no Brasil, iniciada na década de 1950 sob a tutela do Estado, que ganha maior impulso nas duas décadas seguintes. Dentro desse quadro das políticas públicas centrais para o ensino superior uma gama de obras foi produzida que revela tangências e divergências em suas materializações locais.

A intenção desse trabalho é realizar uma análise desses edifícios. Busca-se compreender as soluções conceituais e arquitetônicas dessa produção a partir das soluções volumétricas, das formas de articulação espacial, da relação entre o espaço externo e interno, e particularmente da maneira pela qual exploram plasticamente a estrutura e os materiais em seus estados brutos. A partir dessa análise pretende-se mapear as proximidades e os distanciamentos dessa produção com relação àquelas realizadas em outras partes do país, com atenção à produção em São Paulo.

Para além da ampliação do universo da produção “brutalista” no Brasil, esse trabalho também se justifica por uma preocupação com a preservação dessa arquitetura. Especificamente na UFBA vem ocorrendo um processo acelerado de descaracterização promovido por uma parte da própria Instituição, devido ao desconhecimento da importância dessas obras, que vem modificando irremediavelmente suas principais características arquitetônicas, impossibilitando seu reconhecimento e promovendo sua destruição enquanto objeto e representante da linguagem brutalista.

Palavras-chave: Arquitetura na Bahia, Campus Universitário, Brutalismos.

ABSTRACT

In the years between 1955 and 1975 radical changes took place in Brazil, ranging from an euphoric, however controversial, construction of a new national capital to a military dictatorship. However, in that moment the authoritarian tutoring of cultural production, under which a generous architectural production was created, is quite familiar to Brazilians since the "Vargas' Era". If there was a proud about the architecture of "Vargas' period", it didn't happened during the dictatorship, and this could help to explain the lack of research in this phase.

The 60's refer to central developments in the implementation of policies of "Development", that had a strong impact on urban space and architecture, often expressed itself in Brazil through a brutalist language. Although there are similar traits in these works, there were also many particularities in all the regions they took place, that haven't been registered by the researches yet.

There are brutalists' architectures that happen simultaneously in Brazil that differ geographically, conceptually and architecturally from those already recognized and shown in the so called "paulista's brutalism". Some authors have been contributing for the extension of the understanding of brutalism and the primacy of the an irradiator English center, revealing the geographical diversity, the polysemy of the concepts and the versatility of architectural solutions in the world. This also happens in a similar manner in relation to the production of São Paulo and the other achievements in the vast Brazilian's territory, as stated by Ruth Verde Zein (2007) "appearances" are the means that enable the recognition of all these works as brutalists.

This work aims to open a line of research that contributes to expand this understanding trough the study of a specific case of Bahia's manifestations. The text deals with the buildings of the *Universidade Federal da Bahia* that feature this brutalist lowest common denominator, namely: *Faculdade de Arquitetura* by Diógenes Rebouças (1964/1965); *Instituto de Matemática*, *Instituto de Biologia*, *Instituto de Física*, *o Laboratório de Fracas Radioatividades* and *Instituto de Geociências*, by the Engineer's Service team of the UFBA Campus (1966/1968); *Faculdade de Administração*, *Faculdade de Educação* and *Faculdade de Medicina*, by the architecture team of the UFBA Campus Building Authorities (1971-1976).

These buildings were built in the decades of 60's and 70's, when the intensification of the federalization of higher education in Brazil took place, under the tutelage of the State. In this framework of these higher education's central publics policies, in the local level many architectural works were produced that reveal similar connections and differences between them.

The intention of this work is to carry out an analysis of these buildings. It seeks to understand the conceptual and architectural solutions of this production looking at their volumetric solutions, the forms, the spatial articulations and the relationship between the external and internal spaces, particularly interesting in the way in which structure and material are plastically exploited in their raw form. From this analysis we intend to map proximities and distances of the production of *São Paulo*, *Bahia*, and *Brazil*.

In addition to the expansion of the knowing of brutalist production in Brazil, this work also is justified by a concern with the preservation of this architecture. At UFBA an accelerated procedure of a change is taking place. It's been promoted by a part of the Institution itself, due to the ignorance of the importance of these works, that has been changing irretrievably its main brutalists' features, making it impossible to recognize and promote the destruction of its original expression.

Keywords: Achitecture in Bahia; University Campus, Brutalisms.

O QUE É QUE A BAHIA TEM?

OS EDIFÍCIOS “BRUTALISTAS” DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Os anos compreendidos entre 1955-1975 no Brasil são momentos de radicais mudanças que vão da eufórica, porém controversa, construção de uma nova capital nacional ao mergulho numa ditadura militar. Porém, a tutoria autoritária da produção cultural, sob a qual se deu uma generosa produção arquitetônica desse momento era algo bastante familiar aos brasileiros desde a “Era Vargas”. No entanto, bem diverso do orgulho nacional tão cultuado e celebrado dos primeiros tempos modernos, o vínculo irremediável com a ditadura, talvez ajude a explicar, mesmo que parcialmente, a escassez de pesquisas sobre as obras dessa fase.

Os anos 60 sem dúvida nos remetem a desdobramentos centrais na implementação da política desenvolvimentista com forte impacto no espaço urbano e na arquitetura, que muitas vezes se expressou através de uma linguagem “brutalista”, de traços similares no país, porém de modo bem mais heterogêneo em cada região brasileira do que aquele que a historiografia brasileira tem registrado.

Percebe-se que há manifestações “brutalistas” que acontecem simultaneamente no Brasil que divergem geograficamente, conceitualmente e arquitetonicamente das já reconhecidas e evidenciadas manifestações do “brutalismo paulista”. Assim como alguns autores vêm contribuindo com o alargamento do entendimento do Brutalismo e da primazia do centro irradiador inglês, revelando a pluralidade geográfica, a polissemia dos conceitos e a polivalência das soluções arquitetônicas no mundo, isso também acontece de maneira similar em relação à produção paulista e as demais realizações no vasto território brasileiro. Mas como afirma Ruth Verde Zein (2007) há “aparências” comuns que permitem o reconhecimento de todas essas obras como brutalistas.

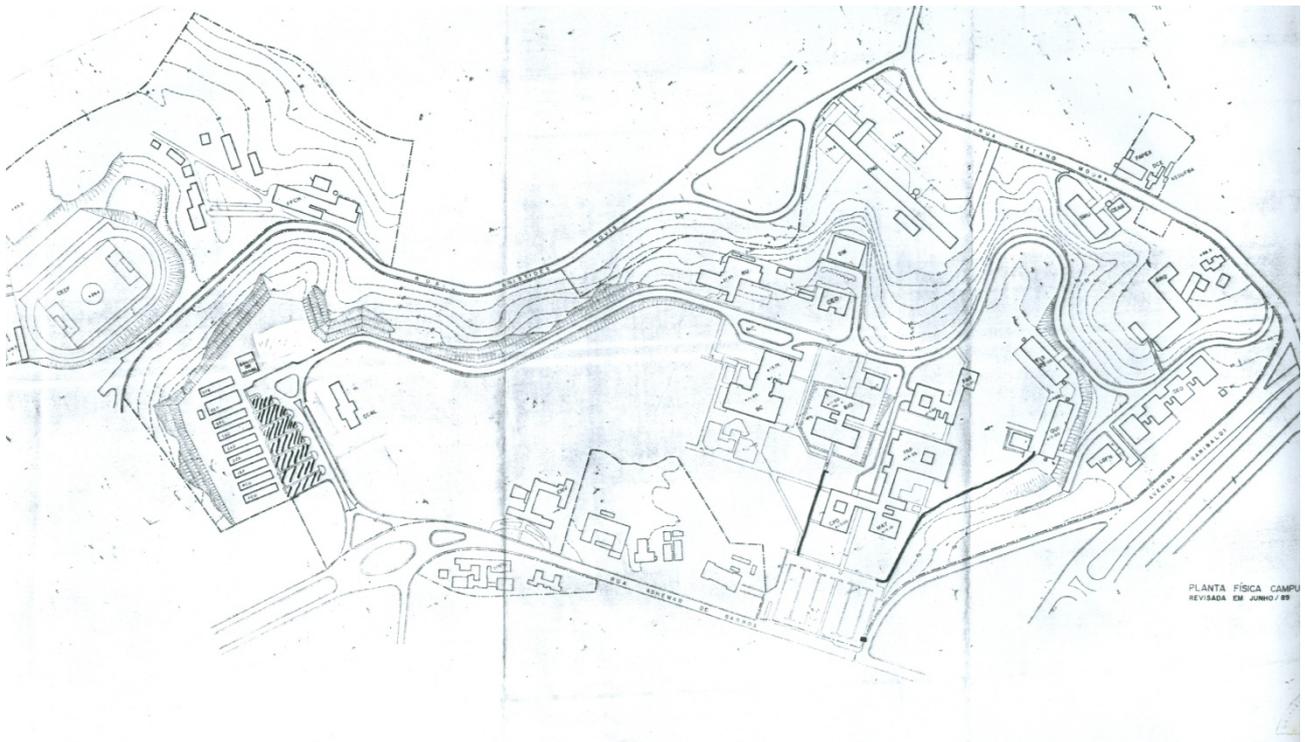
Esse trabalho então visa abrir uma linha de investigação que se propõe a ampliar esse entendimento a partir do estudo de um caso específico de manifestações baianas. O texto trata dos edifícios da Universidade Federal da Bahia que apresentam esse mínimo denominador comum “brutalista”, a saber: a Faculdade de Arquitetura de Diógenes Rebouças; os antigos Instituto de Matemática (atual sexto Pavilhão de Aulas da Federação – PAF VI) e Centro de Processamento de Dados – CPD (atual Centro de Estudos da Arquitetura Baiana – CEAB), o Instituto de Biologia, o Instituto de Física, o Instituto de Química, o Laboratório de Fracas Radioatividades (atual Laboratório de Física Nuclear) e o Instituto de Geociências (Blocos “A”, “B e “C”), todos projetos da Equipe do Serviço de Engenharias do Campus Universitário da UFBA (1966/1968); a Escola de Administração, a Faculdade de Educação e a Faculdade de Medicina, da Equipe da Prefeitura do Campus da UFBA (1971-1976); o Bloco “D” do Instituto de Geociências, os atuais Instituto de Matemática e CPD, a Biblioteca Reitor Macedo Costa, a Faculdade de Farmácia, o Restaurante Universitário (atual Faculdade de Comunicação), o

primeiro Pavilhão de Aulas da Federação – PAF I, o Centro de Esportes e Educação Física (construído parcialmente), projetos da equipe do Escritório Técnico Administrativo (ETA) da UFBA (1976-1983).

A construção desses edifícios aconteceu a partir da formação da Universidade Federal da Bahia em 1950¹. Durante o princípio do reitorado de Edgard Santos (1946-1951), começou o “Primeiro Tempo” de conformação do território da UFBA, com a reunião de parte das unidades acadêmicas que antes estavam dispersas na cidade, mas ainda sem a concepção de um plano mais consistente². Essas escolas estavam situadas inicialmente nos bairros do Canela e da Graça e adotaram as variadas tendências arquitetônicas existentes nesse momento, inclusive o modernismo³. Como houve dificuldade de expansão do território da Universidade nesses bairros, a Reitoria decidiu ampliar seu território para o bairro da Federação, no local onde já estava situada a Escola Politécnica⁴, o que ajuda compreender a constituição já bipartida desse território universitário⁵.

Com a aquisição de terrenos na Federação teve prosseguimento a expansão da Universidade, com o estabelecimento de um “Segundo Tempo”⁶. No princípio dos anos 60 a Faculdade de Arquitetura foi trasladada para as proximidades da Politécnica. Esse “Segundo Tempo” foi marcado pela formulação de um plano de expansão para a UFBA que contou com o financiamento do Programa MEC-BID I (1967-1974)⁷ que possibilitou dentre outros pontos a realização de planos urbanos e arquitetônicos. Assim foi possível a conformação do Campus da Federação, projetado pelos profissionais da Equipe do Serviço de Engenharias do Campus Universitário da UFBA.

O “Terceiro Tempo” consolidou a expansão territorial da UFBA nos bairros da Federação e Ondina, a partir da reformulação e ampliação do Plano, com o financiamento do Programa PREMESU IV/MEC-BID II (1974-1981) e com os projetos realizados pela Equipe do Escritório Técnico Administrativo da UFBA.



Campus da UFBA nos anos 80, com os edifícios construídos até o “Terceiro Tempo”. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA.

A intenção desse trabalho é realizar um mapeamento e uma primeira análise desses edifícios construídos durante o “Segundo e Terceiro Tempos”. Busca-se compreender as soluções conceituais e arquitetônicas dessa produção a partir das soluções volumétricas, das formas de articulação espacial, da relação entre o espaço externo e interno, e particularmente da maneira pela qual exploram plasticamente a estrutura e os materiais em seus estados brutos. A partir dessa análise pretende-se traçar as proximidades e os distanciamentos dessa produção com relação àquelas realizadas em outras partes do país, com atenção à produção em São Paulo.

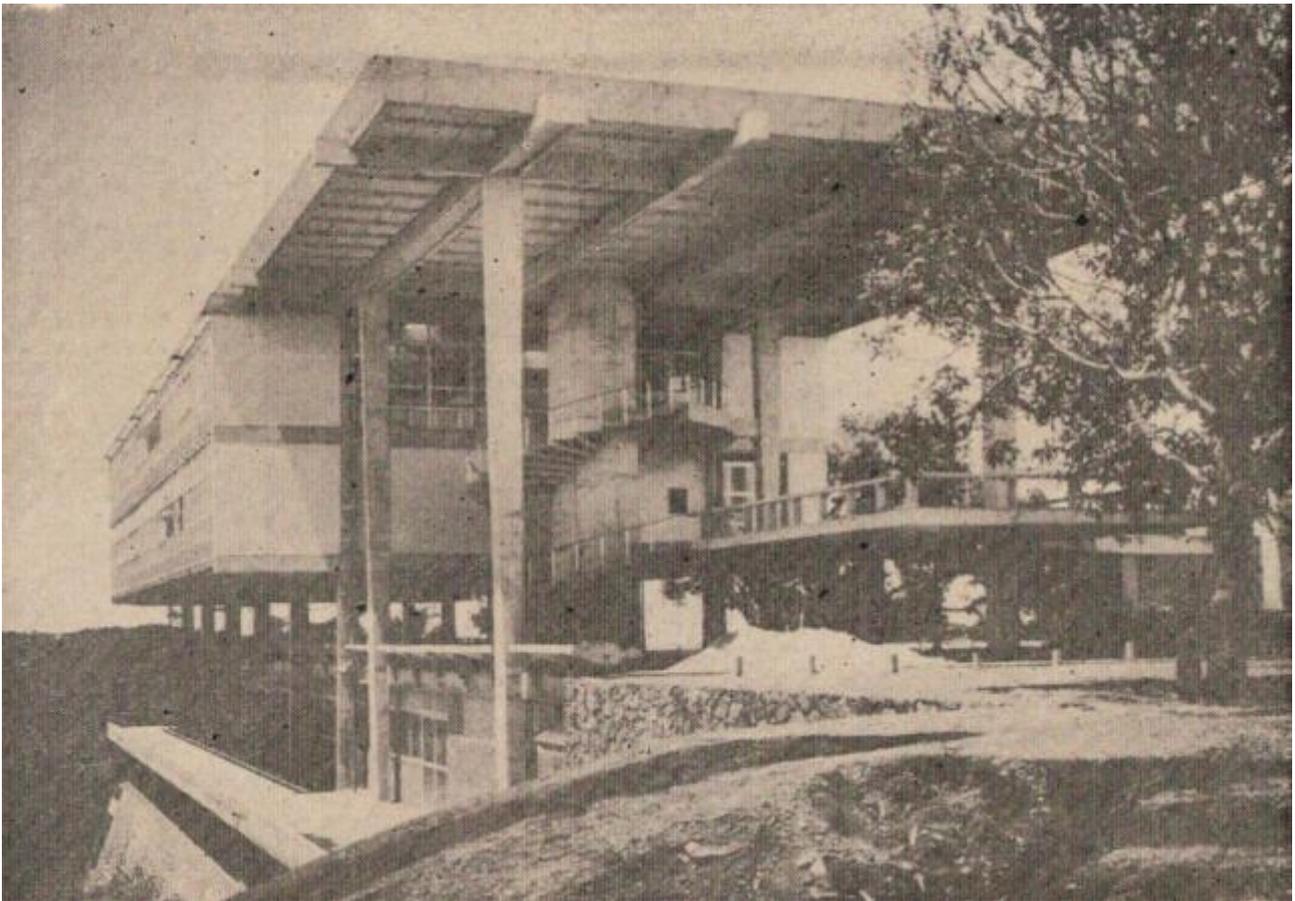
Para além da ampliação do universo da produção “brutalista” no Brasil, esse trabalho também se justifica por uma preocupação com a preservação dessa arquitetura. Especificamente na UFBA vem ocorrendo um processo acelerado de descaracterização promovido por uma parte da própria Instituição, devido ao desconhecimento da importância dessas obras.

“SEGUNDO TEMPO”

Durante o Reitorado de Miguel Calmon (1964-1967) aconteceu o primeiro plano de ocupação física do Campus da Federação, realizado pelo Departamento Cultural da UFBA, coordenado pelo professor Américo Simas, com as participações de Diógenes Rebouças (consultor) e Ernani Sobral. Para a formulação desse plano foi contratada a consultoria de uma empresa do Rio de Janeiro, a SPL - Serviços de Planejamento. Tal plano foi apresentado ao Programa MEC-BID I que forneceu o financiamento possibilitando a sua realização. Para a consecução desse plano foi

criado o Serviço de Engenharia do Campus Universitário (1966/1968), composto pelos arquitetos Analdino Lisboa e Carlos Alberto Reis Campos e coordenado por Luiz Carlos Botas Dourado. As obras desse “Segundo Tempo” começaram em 1968 e foram concluídas em 1972, com a entrega do Instituto de Biologia⁸.

A Faculdade de Arquitetura (1964-1971) foi projetada independentemente do plano financiado pelo MEC-BID I, iniciada em uma fase anterior à sua implementação. Em um primeiro momento a Arquitetura foi instalada em uma casa existente no terreno e em barracões temporários⁹. A implantação do edifício acompanhou o desnível do terreno através da disposição de blocos prismáticos construídos em diferentes patamares. Inicialmente foram propostos quatro blocos dispostos ao redor de um pátio central, mas nem todos foram construídos. O bloco que se situa no nível da Rua Caetano Moura é composto por um pórtico de entrada¹⁰ que possui um vão considerável, que possibilita uma potente articulação entre o edifício e o seu entorno. A ala leste (construída entre 1967-1968) é um bloco delimitado por esquadrias de alumínio e vidro. A ala oeste (construída entre 1969-1971) é circundada por blocos cerâmicos¹¹. Há uma grande articulação entre todos esses espaços que se conectam por elementos de circulação horizontais e verticais que têm protagonismo. A estrutura de concreto armado foi disposta a partir de módulos que possibilitaram uma organização funcional do espaço. A estrutura permanece exposta em vários pontos do edifício e define-se plasticamente em outros, como nos pilares dispostos no pórtico principal. A presença de materiais em seu estado natural (como concreto, pedras, tijolos) se faz notar em diversos pontos do edifício¹².



Visada externa da Faculdade de Arquitetura – 1ª etapa de construção.
Fonte: Lions Club de Salvador, 1968.

O antigo edifício do Instituto de Matemática (atual PAF VI)¹³ foi a primeira obra projetada dentro do MEC-BID I, e está implantado recuado em relação à Rua Caetano Moura, inserindo-se em um recorte do terreno que possibilita que sua entrada aconteça em um nível intermediário, através de uma passarela. O edifício é composto pela intersecção de um prisma retangular principal comprido, articulado com outro menor. Suas fachadas são diferenciadas. A principal, voltada para a rua de acesso, é formulada por planos plenamente vazados e outros apenas delimitados por painéis de vidro e blocos cerâmicos. A posterior segue uma composição similar. A estrutura de concreto armado é um elemento que também compõe as fachadas do edifício. A solução espacial é racionalizada, orientada por uma nítida modulação. Dentro do edifício esses módulos inicialmente permitem a conformação de espaços mais ou menos compartimentados, dependendo das necessidades. Mas há um predomínio de espaços generosos, possibilitados por amplas áreas livres, corredores extensos e pés-direitos elevados. A circulação vertical está claramente marcada pela posição destacada da escada principal, deslocada do centro da edificação. As circulações horizontais também são funcionais. Note-se que tanto na parte externa quanto na interna era evidente a lógica estrutural do edifício, seu sistema de articulação de pilares e vigas de concreto armado. Inicialmente a presença dos materiais em seu estado bruto foi valorizada.



Visada externa do Antigo Edifício da Matemática, 1974.
Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus Universitário da UFBA.

O primeiro edifício do CPD (atual CEAB) está posicionado na parte dianteira do antigo Instituto de Matemática. O edifício está construído em cotas diferenciadas do terreno, criando um andar superior e outro semienterrado. Essa situação possibilita uma conformação volumétrica mais complexa, com a sobreposição de dois prismas quadrados com dimensões diferenciadas que se articulam um sobre o outro e somados a eles, para marcar a entrada, dois pesados planos horizontais configuram uma varanda coberta. Suas fachadas são predominantemente opacas, delimitadas por blocos cerâmicos, mas na parte frontal a entrada principal era demarcada por um amplo painel de vidro. Por se tratar de um centro de processamento de dados, a intenção era mesmo a de isolar o edifício, transformando-lhe em um casulo, segundo Dourado (2013). A estrutura de concreto armado está conformada como um elemento marcante. Externamente, no segundo andar não é possível notar a existência dos pilares, mas em compensação a presença das vigas é determinante. Essas se destacam do perímetro da edificação, tanto na sustentação da laje do pavimento inferior quanto da cobertura. A solução estrutural possibilita a conformação de uma ampla área interna livre, que foi inicialmente ocupada por divisórias flexíveis. As circulações verticais estão situadas em um ponto externo e outro interno, tornando-se marcantes na edificação: a escada externa se destacava na composição da fachada principal enquanto a interna aparece inserida em um volume secundário que desponta em uma fachada lateral. Nota-se no edifício o seu rigor estrutural, demonstrado tanto externamente quanto internamente. Nesse

edifício os materiais também são apresentados no seu estado bruto, tirando-se partido plástico dessa condição.



Visada externa do antigo CPD, sem data. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus Universitário da UFBA.

Os Institutos de Química e Física¹⁴ são dois prédios com o mesmo partido em barra, que se posicionam lado a lado, conformando um ângulo obtuso entre si. Ambos tiraram partido da declividade do terreno, conformando acessos em dois níveis. São dois grandes prismas retangulares principais em cujas laterais se articulam pequenos prismas quadrangulares secundários. Suas fachadas se conformam como uma articulação de um plano intermediário vazado e de outros planos parcialmente delimitados por blocos cerâmicos que se destacam dos volumes. A estrutura modulada aparece claramente demarcada nas fachadas dos edifícios. Essa modulação influencia a organização espacial da edificação, composta de andares tipo com salas nas periferias dos blocos e circulações centrais longas e estreitas. As exceções acontecem no nível intermediário dos edifícios, com recuos das paredes para dentro dos perímetros dos prismas, possibilitando uma circulação periférica. A circulação vertical era também claramente posicionada com escadas confinadas, situadas nas laterais de cada um dos edifícios. Mais uma vez os materiais aparecem principalmente em seus estados naturais.



Visada externa dos Institutos de Física e Química, 1986. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA.

O Instituto de Geociências¹⁵ é constituído por quatro blocos com volumes principais prismáticos retangulares, todos conectados por pequenos volumes secundários em forma de “T”. Em uma primeira fase foram construídos os blocos “A”, “B” e “C” e posteriormente o bloco “D”, que segue uma conformação similar, mas com maior altura. Os edifícios tiravam partido da topografia do terreno, conformando soluções de diferentes alturas. As fachadas dos volumes principais são diferenciadas: aquelas que se direcionam para as duas vias são mais fechadas e aquelas que se direcionam para os blocos anexos são mais abertas. Já os outros volumes apresentam em três das suas faces blocos cerâmicos. Ressalta-se mais uma vez a exposição da estrutura modular nas fachadas, composta por elementos pré-moldados (Dourado, 2013). A modulação era determinante na organização dos espaços internos, que se articulavam de modo funcional a partir de um corredor principal que se conectava com corredores secundários e também com as escadas. Embora certos materiais se exponham com suas características naturais, constata-se uma maior presença de paredes externas brancas.



Visada externa do Instituto de Geociências em 1973. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA.

O Laboratório de Fracas Radioatividades (atual Laboratório de Física Nuclear) é um bloco quadrangular que aproveita a inclinação do terreno, envolto em três de suas fachadas em blocos cerâmicos¹⁶, solução similar ao antigo CPD. A estrutura aparece nas fachadas apenas discretamente, sem revelar a ideia de modulação. Mas internamente o espaço segue uma lógica modular, com os ambientes distribuídos ao redor de um núcleo central mais resguardado. A circulação vertical posiciona-se em bloco anexo ao principal. Nota-se mais uma vez a exposição dos materiais com suas características naturais.

O Instituto de Biologia¹⁷ é composto por dois edifícios isolados. O primeiro deles tem um partido em “H” e está situado em uma área plana. É composto por dois volumes prismáticos retangulares principais, conectados por um volume secundário em “T”. As fachadas mais extensas são formadas por planos que se destacam dos volumes em blocos cerâmicos vazados. Nas faces menores esse recurso é usado parcialmente, porém predominam planos cegos brancos. A estrutura também aparece em parte das fachadas, deixando nítida a modulação do edifício, determinando a distribuição do espaço interno. A circulação vertical está situada na conexão entre os dois blocos principais. A partir desse ponto conforma-se um corredor principal que se conecta com corredores secundários. Há um predomínio da exposição dos materiais em seu estado bruto. O segundo edifício é um auditório, formado por um volume de planta retangular que se acomoda na topografia do terreno e ganha internamente a declividade adequada ao seu uso. Duas de suas fachadas são resolvidas mesclando planos brancos e blocos vazados cerâmicos, já a fachada

principal era composta por um plano branco com um grande rasgo de vidro. A estrutura é um elemento que comparece nas fachadas, com a exposição das vigas e em destaque a cobertura em uma sequência de adjacentes abóbadas de berço. Esse tipo de estrutura permite a ocupação plena da área do auditório sem a interferência de pilares.



Visada externa do Auditório do Instituto de Biologia 1973.
Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA.

No intervalo entre o primeiro programa federal e o segundo para melhoria das condições e instalações universitária, deu-se um importante momento para o planejamento e gestão dos Campi da UFBA: a criação da Prefeitura da Universidade pelo Reitor Lafayette Pondé (1971-1975) que convidou o arquiteto Luiz Dourado para ser seu primeiro prefeito (1971-1976). Com importante trabalho na etapa de criação do Campus da Federação, Dourado havia participado intensamente não só da proposta para seu plano, como também de seus primeiros movimentos de concretização. Dourado coordenou o projetou e a construção dos edifícios para: a Escola de Administração em parceria com o arquiteto Raul Vieira, a Faculdade de Educação com o arquiteto Carlos Alberto Reis Campos e a Faculdade de Medicina com o arquiteto Orlando Regis Simas.

Assim como os edifícios de Física e Química, as sedes para Administração e Educação foram resolvidas como obras gêmeas¹⁸ em paralelepípedos longos de implantação com ângulo obtuso entre si. Em bloco único, os dois edifícios se interligam pela continuidade do espaço aberto em

seus pilotis, conectados por uma pequena praça aberta entre os prédios. Em ambas as edificações a resolução das entradas chama a atenção na composição dos conjuntos pelo amplo recuo de todos os andares no corpo rigoroso de cada prédio. Esse movimento conforma acesso monumental para cada uma das sedes e internamente define no térreo a entrada e nos andares superiores espaços de encontro, para além de ser o hall que congrega as circulações verticais e horizontais. É também o grande respiro da sucessão rigorosa das salas adjacentes. Locada no centro do edifício a generosa janela descortina a vista externa, e na cobertura claraboias pontuam ainda mais o caráter diferenciado dessa parte dos edifícios. A escada central de cada prédio também é elemento de destaque nas soluções edificadas, desenvolve-se cravada em um espesso muro e tem como guarda corpo uma pesada viga *Vierendeeel*. A implantação dos edifícios é bastante recuada em relação à Avenida Reitor Miguel Calmon. São colocados no pé da encosta e localizados ainda na parte plana do terreno que logo ganha grande aclividade. As fachadas das faces mais longas são compostas por linhas horizontais bem marcadas por materiais e planos distintos, deixando evidente o papel de cada elemento: as linhas das vigas em concreto evidenciadas à frente em primeiro plano realçam a estrutura e recuadas as linhas das aberturas em vidro, revelam o papel secundário das vedações. As fachadas laterais menores são compostas por panos de tijolo vazado com marcação evidente da estrutura em concreto. As técnicas e materiais construtivos são demonstrados em alguns detalhes como na escada e nos poucos bancos fixos que são elementos mutantes: entre guarda-corpo, arrimo, jardineira e banco. Apesar do bloco único, os edifícios não se apresentam como caixas herméticas e têm razoável grau de integração com o espaço externo. Internamente o espaço é rigoroso em sua divisão cartesiana e tradicional, com exceção do térreo – em pilotis e em plano elevado em relação ao piso do estacionamento – e dos halls centrais que surpreendem e contrapõe inesperadamente a sucessão tradicional dos compartimentos dispostos ao longo dos extensos corredores que os conectam.



Visada externa do Edifício Sede da Escola de Administração UFBA, 1973.

Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA.

A Faculdade de Medicina ficou sob a maior responsabilidade do arquiteto Orlando Regis Simas. Locada bem à frente das sedes “gêmeas” supracitadas, o edifício da Medicina tem menor recuo em relação à via, provavelmente pela configuração do terreno, que mais rapidamente chega na encosta. O edifício é locado paralelamente à Avenida em um movimento de deslocamento entre seus três blocos. O volume composto se configura por dois cubos deslocados um em relação ao outro na horizontal e na vertical, ligados por um corpo central mais estreito e de tratamento bem diverso. Nos dois blocos maiores, um segundo plano destacado sobressai à fachada, como uma segunda pele do corpo edificado. Em tijolo vazado preso a uma malha estrutural em concreto essa pele envolve quase toda a edificação em planos soltos que dominam a composição. O bloco central, ganha leveza no predomínio dos vazios em aberturas envidraçadas, marcadas por linhas verticais em concreto. Uma marquise evidencia a entrada da sede, e mesmo em concreto aparente, não quebra a leveza da composição. Como nas outras obras a estrutura em concreto e os demais materiais são evidenciados em sua condição natural, a malha estrutural fica evidente em todas as visadas da obra, interna e externamente. No bloco central estão a escada, o elevador e os halls de entrada e circulações que ligam os dois blocos de salas e laboratórios em meios níveis. A cobertura, em grandes telhas de fibrocimento aparente, solta-se do corpo dos blocos cúbicos para frente e para cima e dão ainda maior leveza ao conjunto. O edifício tem quatro níveis de um lado, sendo um semienterrado e três níveis no outro, o que dá sutil diferença de altura entre

os blocos. Esse edifício também explora os materiais aparentes e não configura uma caixa hermética, tem certa conexão entre o espaço interno e o externo. A distribuição interna se dá por largos corredores que dão acesso aos ambientes adjacentes e chegam em varandas abertas. O edifício tem dois acessos importantes: um no segundo andar, pouco a cima do nível da Avenida e outro no terceiro andar que sai do lado oposto numa passarela que facilita o acesso ao Hospital das Clínicas na parte alta do Canela.



Visada externa da Faculdade de Medicina UFBA. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA

“TERCEIRO TEMPO”

A continuidade efetiva de maior vulto da construção dos Campi da UFBA foi possibilitada pelo Programa PREMESU IV / MEC-BID II (1976-1983)¹⁹. Esse Programa era uma das ações do MEC que buscava “dinamizar e acelerar o processo de implementação da Reforma Universitária Brasileira” (PREMESU, 1979, p. 9), com aplicação nacional. Nesse “Terceiro Tempo” houve uma inflexão nas condutas e modos, inclusive do processo projetual e das soluções arquitetônicas devido à imposição imperativa do programa federal para sua implantação, que implicava na reavaliação do plano existente e na criação de um Escritório Técnico. O ETA – Escritório Técnico Administrativo teve como referência os escritórios das Universidades Federais de Sergipe, Pernambuco e principalmente Rio Grande do Norte. Sob a tutela de Luiz Dourado, o escritório subdividia-se em três gerências: uma de construção sob a responsabilidade do arquiteto Antônio Carlos Barbosa; uma de equipamento chefiada por Moacyr Pinto Coelho; e outra de recursos humanos dirigida pela filósofa e educadora Mariaugusta Rosa Rocha²⁰. O intuito desse escritório

era sanar o maior problema encontrado na implementação do plano anterior, a saber: a compatibilização de qualificação entre espaço físico, equipamento e o corpo docente da Universidade.

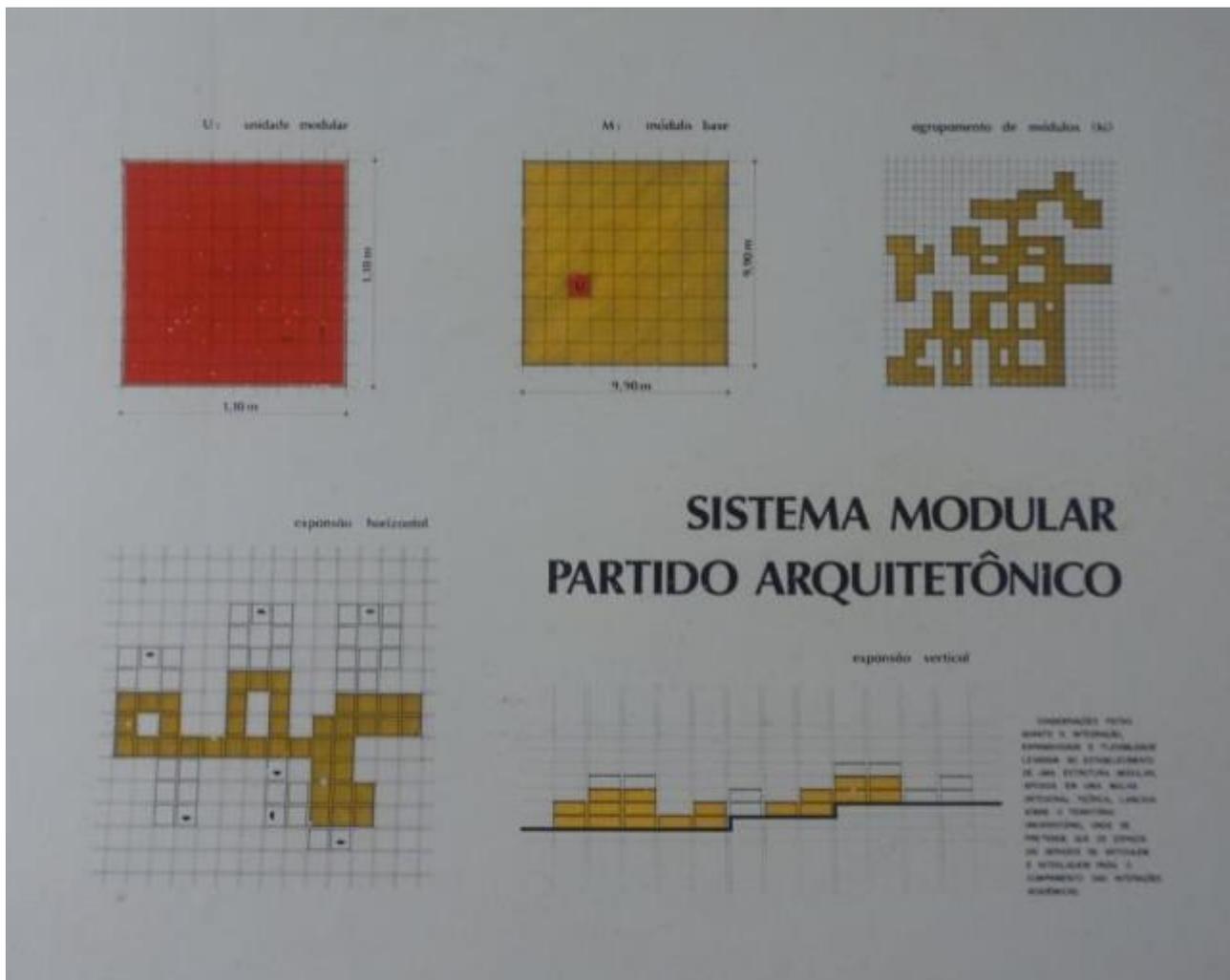
Nesse momento, o plano foi revisto com ênfase em uma lógica sistêmica de conexão, fluidez e modulação do espaço físico dos Campi, entre edifícios de unidades, espaços abertos e infraestrutura. Os conceitos que parecem mais evidentes são propriamente os da racionalização e da ligação, preocupados com o funcionamento e os deslocamentos entre os espaços²¹.

O PREMESU IV / MEC-BID II previa um plano de ocupação física que acabou por gerar um plano de infraestrutura contendo arruamento, esgoto, eletricidade, de longa previsão para todo o território da UFBA, que incluía o atendimento aos edifícios já existentes, às novas unidades que estavam sendo construídas naquele momento no âmbito do Programa, às obras há pouco construídas que serviram como contrapartida da universidade e ainda futuros edifícios que naquele momento eram apenas previsões²².

O plano de caráter sistêmico foi desenvolvido a partir de um diagrama geométrico abstrato e posteriormente adaptado à realidade urbana existente. O processo de planejamento partiu da distribuição de 24 pontos (o número de unidades da universidade naquela época) distribuídos de maneira equidistante em um círculo, a partir daí traçou-se um diagrama de ligações cujo elemento base era a troca de carga-horária entre as unidades, constituindo uma relação quantificada entre elas. O resultado desse diagrama foi transformado em uma malha hexagonal que definia as proximidades e conexões dos edifícios. Finalmente essa malha foi sobreposta à topografia do território urbano da Universidade, para os ajustes do plano abstrato à realidade física do sítio. Esse plano então resultou na relocação da Matemática e do CPD, com a construção de novos edifícios para abrigá-los e a transformação do uso dos prédios dos anos de 1960.

Os edifícios dessa fase são mais abertos e utilizam a modulação como guia central do projeto, que mesmo permanecendo rigorosa, parece ter amadurecido e possibilitado uma maior flexibilidade compositiva dos volumes. A principal referência foi o Campus da Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte, tanto do plano físico-territorial para o Campus, como da arquitetura das unidades componentes. Outras referências também que podem ser reconhecidas são a UNB e a USP, mas parecem ter papel secundário, restritas a edifícios específicos.

A solução arquitetônica geral procurou articular volumes e espaços, cheios e vazios. A unidade modular é de 1,10m X 1,10m que gerou o módulo base de 9,90m X 9,90m concebido a partir do pré-dimensionamento dos espaços a serem projetados e das disponibilidades de pré-fabricação industrial. Essa modulação, a técnica construtiva e os materiais utilizados possibilitavam o crescimento de até cinco pavimentos e expansão horizontal ilimitada.



Esquema do Sistema Modular adotado. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA

O conjunto formado pelo PAF I, pelos novos edifícios para o Instituto de Matemática e CPD, foram a melhor aplicação do sistema modular supracitado. Eles se desenvolvem num jogo de blocos construídos, pátios abertos e vazios cobertos que se interligam num espaço permeável e conectado. Em todos eles a estrutura em concreto aparente é evidenciada e explorada plasticamente, os materiais são tratados de maneira a mostrar sua aparência natural, porém com requintado detalhamento, como se pode perceber nos muros, que viram jardineiras e bancos. Os pátios internos e espaços verdes agora muito explorados geram uma riqueza bem maior nas articulações espaciais e ambiências. Os elementos vazados em tijolo continuam sendo utilizados, criando superfícies menos rigorosas na separação entre espaços internos e externos. No jogo dos módulos as alturas são diversificadas entre um e três andares, volumes e vazios se sucedem sem uma divisão clara de onde começa um edifício e onde termina o outro. O espaço é flexível e fluido. As escadas são elementos de forte expressão plástica e importantes configuradores do espaço, principalmente no PAF I.



Visada Interna do PAF I. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA



Visada externa do PAF I. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA

A Faculdade de Farmácia²³ também segue a lógica modular, mas o edifício acabou ficando um pouco mais isolado e parece ter tido uma interpretação diferenciada dos princípios de projeto em relação ao conjunto anterior. Nela os blocos parecem mais rígidos, especialmente nas faces onde as aberturas se dão em fita e sem elementos de proteção solar. Não há movimento de planos e a solução é composta em mesma superfície onde se encontram a estrutura aparente marcada, a alvenaria branca e as janelas longas. Nas fachadas onde são colocados elementos em concreto emoldurando as aberturas ao mesmo tempo em que funcionam como protetores solares, a solução se torna mais movimentada, favorecida pela maior variação na altura dos blocos. Nesse edifício os limites são mais cortantes e as transições mais abruptas.



Visada externa da Faculdade de Farmácia. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA

A Biblioteca Central Reitor Macedo Costa²⁴ foi implantada solta das demais edificações e locada no centro geográfico do Campus da Federação. A obra é composta por um volume com altura uniforme em J – previsto para ser um H que não foi completamente construído. O edifício tem particular interesse na forma como são resolvidos os elementos de proteção solar em placas de concreto soltas do corpo do edifício em lâminas distanciadas do plano da fachada em linhas horizontais recortadas em alguns pontos formando um desenho geometrizado. A estrutura modular é sempre claramente destacada interna e externamente, em concreto bruto. Os planos de fechamento e divisão hierarquizam e conformam os ambientes em um espaço interligado horizontal e verticalmente. A integração se dá com bastante intensidade no interior do edifício e em certas partes entre interior e exterior. A composição formal se revela por uso de distintos materiais evidenciados em sua materialidade bruta. Assim o edifício não é nunca uma caixa ensimesmada que se abre para seu interior. No térreo há cerca de ¼ de área em pilotis, criando espaço sombreado e permeável por vários caminhos. No piso de entrada um grande hall com rasgo interno vertical de cima a baixo do edifício conecta os três níveis da biblioteca ao mesmo tempo em que se abre para o espaço externo através de um enorme pano de vidro. A partir desse generoso e iluminado espaço de chegada e distribuição, pode-se acessar os dois setores de consulta do acervo do térreo ou à escada colocada no centro do hall que dá acesso aos outros dois pisos, divididos em dois setores opostos conectados por uma área voltada para o grande vazio do edifício que serve tanto para leitura quanto para circulação. Apesar das superfícies em tijolo e vidro, esse edifício tem maior presença do concreto, devido aos seus brises.



Visada externa da Biblioteca Central. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA

O Restaurante Universitário, atual edifício da Faculdade de Comunicação, foi outro projeto que também mereceu atenção especial²⁵. O edifício foi projetado como uma longa barra em três andares, que de seu centro partiam de um lado a caixa monumental da escada principal e do outro um bloco de mesma altura com outra escada e setores de serviços e apoio aos salões de refeição situados nos dois andares acima do térreo quase todo vazado. O edifício não foi integralmente construído naquela época e permaneceu por muito tempo apenas com os volumes do centro e uma das alas²⁶. Nesse edifício destacam-se o volume da caixa da escada principal fechada em grandes telhas de fibrocimento espaçadas e colocadas na vertical, criando uma superfície vazada que favorece à ventilação e é expressividade plástica da obra. Também vale ressaltar o plano de vidro solto do fechamento lateral das duas faces mais longas da barra²⁷, na solução original. De frente para a Biblioteca, ele é implantado no pé da encosta e isolado das outras edificações. Como em todos os demais a estrutura é deixada a mostra e os detalhes construtivos são explorados plasticamente. Outro ponto alto do edifício é o recuo do corpo central para configurar um monumental hall de entrada. Se externamente ele cria o vazio que indica a entrada, internamente essa solução configura uma ampla abertura com vista para o Campus e seu entorno verde, onde se dá a circulação que conecta o bloco de serviços no fundo e a escada principal à ala longa do prédio.



Visada externa do antigo Restaurante Universitário. Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA

Entre os dois tempos apresentados podemos perceber que existem pontos comuns no enfrentamento projetual no âmbito do planejamento e da construção, com algumas inflexões nos procedimentos e soluções. Em comum nota-se a importância da racionalização, da modulação, da padronização e da exploração plástica dos materiais construtivos e da estrutura. Ficam em destaque alguns materiais: o vidro, a pedra, o tijolo, e principalmente o concreto. No “Segundo Tempo” os edifícios são tratados como elementos isolados num plano geral, e as articulações espaciais internas são menos vigorosas. Já no “Terceiro Tempo” os edifícios passam a ser pontos conectados na malha de um plano sistêmico e suas espacialidades mais generosas promovem ricas interpenetrações entre o dentro e o fora, o aberto e o fechado, o construído e as áreas livres. Interessante notar como foram valorizados os percursos, o movimento, o fluxo de passagem, no entanto, aparece pouco tanto no discurso de Dourado como nas soluções construídas uma preocupação específica com encontro e a convivência.

Num panorama mais estendido, essas soluções respondem de maneira local a um contexto nacional, caracterizado pela Ditadura Militar e suas políticas públicas educacionais, que a partir da Reforma Universitária de 1968, se expandiram por quase todo o território nacional, bem como se tornaram mais direcionadas para o uso de um planejamento sistêmico. No campo da arquitetura isso potencializou o desenvolvimento da cultura do concreto armado em voga naquele momento, que resultou em interpretações locais de uma mesma lógica, hoje nomeada de “Brutalismo”. Essas interpretações se deram de maneira simultânea, porém diversificada nos vários cantos do país.

Na Bahia o processo projetual parece centra-se em uma pesquisa cuidadosa acerca do funcionamento dos equipamentos, como foi o caso do restaurante²⁸. Parecem centrais os estudos de caso *in loco* de obras similares no Brasil, com destaque evidenciado no “Terceiro Tempo” para o Campus da Pampulha da UFMG e suas edificações. Também foram pesquisadas as soluções adotadas na UNB em Brasília e na USP em São Paulo, fato que evidencia a pluralidade das referências baianas. A criação era movida pela experimentação e análise de outras obras similares do próprio contexto nacional, pautado por um lado pela importância do planejamento físico-territorial e por outro pelas questões eminentemente prático-construtivas da arquitetura do concreto armado, com pouco ou nenhum espaço para o debate e a reflexão teórica.

Quanto aos planos para a UFBA, eles se davam através de solução ideal que reagia à morfologia urbana existente. A forma material da proposta surgiu de uma espécie de acomodação do plano abstrato do pensamento propositivo ao plano sensível da existência material. As propostas não surgiam a partir do lugar, elas se moldam ao lugar no desenvolvimento da proposta. Mesmo não sendo a pretensão desse artigo, não podemos deixar de pontuar a proximidade dos procedimentos projetuais do planejamento para os Campi da UFBA com aqueles utilizados para o plano de Salvador pelo EPUCS²⁹. Essas similaridades passam provavelmente pela importância do

arquiteto e professor Diógenes Rebouças na formação de Luiz Dourado e demais arquitetos envolvidos nessa empreitada.

Se na esfera do plano o modelo abstrato reage à materialidade do lugar, na escala da arquitetura edilícia é interessante perceber como as diretrizes gerais abstratas reagiram às poéticas individuais e as parcerias entre os arquitetos que dentro da equipe desenvolveram especificamente uma ou outra edificação. Para além dos usos específicos e particularidades do programa de cada unidade, foram centrais nas nuances e diferenças das soluções adotadas a maneira como cada arquiteto ou parceria interpretou as determinações projetuais de modulação, racionalização, flexibilidade, fluidez e o papel de cada obra/programa na malha do plano.

A distribuição dos edifícios e os percursos entre eles parecem ter sido preocupações centrais nas soluções projetuais que tinham não só como intenção, mas como efetiva solução para os novos prédios a conexão fluida entre as unidades, o próprio edifício se torna simultaneamente chegada e passagem, numa articulação bastante interessante de interpenetração de espaço construído e espaço não-construído, de edifício e área livre, evidenciado no caminhar das pessoas que atravessamos espaços principalmente no Campus da Federação, especialmente do “Terceiro Tempo”. O edifício é um ponto de conexão e/ou inflexão do percurso, ele não retém, nem detém o sujeito, o convida a atravessar, a transitar. Apesar da força do fluxo, existem alguns espaços que convidam à convivência e à congregação dos passantes, jamais em cantos ou recantos, sempre em amplas e generosas áreas.

Os edifícios não são as caixas ensimesmadas que caracterizam o “brutalismo paulista”, nem as distribuições internas ocorrem necessariamente a partir de um espaço central de articulação onde estão destacados os elementos de circulação vertical e horizontal. Aqui as distribuições internas são mais variadas e flexíveis. Se o limite entre o interno e o externo nas obras paulistas se dá de modo mais abrupto, nas soluções baianas isso se dá de modo mais gradual, promovendo interpolações mais complexas e potentes entre o interno e externo. Mas há um mínimo denominador comum que relaciona todas essas obras ditas “brutalistas”, que se dá principalmente pela exploração da força plástica dos materiais construtivos, com especial atenção ao concreto armado, e pela opção pela racionalização, modulação e economia.

O que esse primeiro momento da pesquisa ainda bastante incipiente parece revelar é a pluralidade dos sentidos e pluricentralidade do campo daquilo que se convencionou chamar de Brutalismo não só no mundo, mas no Brasil. A Arquitetura do Concreto Armado, como é chamada pelos seus autores (Dourado, 2013), revela-se bastante diversificada, com percursos simultâneos, mesmo que descompassados. Em momento simultâneo, com forte fomento do Governo Militar, aconteceram pesquisas arquitetônicas que exploraram os materiais em sua aparência natural, motivados mais por questões de racionalidade e economia do que apenas por motivos plásticos - apesar disso parecer hoje a linha mais forte de união dessas expressões.

Infelizmente as qualidades dessa arquitetura não estão sendo reconhecidas dentro da própria Universidade. As intervenções sobre essas obras parecem desconsiderar qualquer valor que elas possam um dia ter tido: funcional, racional, econômico, plástico, arquitetônico, muito mesmo de memória ou de qualquer possibilidade de compreensão histórica. Elas estão sendo descaracterizadas pelos próprios arquitetos vinculados à UFBA. Como exemplo, podemos citar a intervenção no antigo Instituto de Matemática em PAF VI. Ali os elementos vazados em tijolo, foram trocados por outros em cimento, o que destruiu o forte contraste entre estrutura e vedação que evidenciava o papel de elemento e a poética que dali emanava. Agora esqueleto e pele tem a mesma cor, e esmaecida a força das cores o prédio endureceu, perdeu a vida. A distribuição interna foi alterada, perdeu a racionalidade de sua distribuição e a lógica da tectônica estrutural destacada. Forros brancos cobrem salas pela metade, dentre muitas outras soluções descabidas. Essa é apenas uma das muitas intervenções que estão em andamento pelos Campi da UFBA, sem atenção à preexistência nem à qualidade projetual arquitetônica contemporânea.

Essas obras merecem reconhecimento de suas qualidades arquitetônicas e de suas historicidades, especialmente ao sofrerem qualquer tipo de intervenção. Elas foram fruto da racionalidade pragmática sim, mas não da ordem da pobreza e mesquinhez que parece hoje nos assombrar. Se não era permitido falar sob os auspícios da ditadura, foi permitido arquitetar, expressar em concreto, pedra, tijolo, e vidro aquilo que as palavras não podiam dizer, mas os copos podiam sentir e o espaço podia transmitir.



Visada do antigo Instituto de Matemática, anos 70.
Fonte: Arquivo da Prefeitura do Campus da UFBA



Visada do antigo Instituto de Matemática em 2013.
Fonte: Ana Carolina Bierrenbach.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos pelas contribuições a este artigo o professor e arquiteto Luiz Dourado, o arquiteto Antônio Fontes e as alunas colaboradoras dessa pesquisa Amanda Juliani, Fernanda Nicole, Joana Fraga, Michele Amorim e Paula Hollanda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANHAM, Reyner. 1955 December: The New Brutalism by Reyner Banham. Londres: **The Architectural Review**. Disponível em: <http://www.architectural-review.com>. Acesso em maio de 2013.
- BASTOS, M. A. J. ; ZEIN, R. V. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010. v. 01. 429p
- BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003. v. 1. 277p
- DOURADO, Luiz. Entrevista concedida à Ana Carolina Bierrenbach e Juliana Nery em 25/07/2013.
- FONTES, Antonio. **Breve histórico dos campi da UFBA**. Salvador: Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGAU/UFBA, 2010.
- FUÃO, F. Fernando. Brutalismo: a última trincheira do movimento moderno. São Paulo: **Arquitextos 007.09**, 2000. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br> Acesso em maio de 2013.
- JENCKS, Charles. **Movimentos Modernos em Arquitetura**. Lisboa: Edições 70, 1985.
- LINS, Eugênio de Ávila Lins (Coord.) **Guia de Arquitetura e Paisagem de Salvador e Baía de Todos os Santos**. Sevilha: Consejería de Obras Publicas y Vivienda, Dirección General de Rehabilitación y Arquitectura, 2012.
- PREMESU. **Relatório de Atividades do Período 1974/1978**. Brasília: MEC/DAU/ Coordenadoria de Desenvolvimento das Instalações do Ensino Superior, 1979. Disponível em: <http://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/me001757.pdf>. Acesso em agosto de 2013.
- RODRIGUES, Luiz Augusto. **A modernidade (im)possível. A modernidade (im)possível**. In: IV Seminário História da Cidade e do Urbanismo, 1997, Rio de Janeiro. Anais do IV Seminário História da cidade e do urbanismo. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 1996. v. 2. p. 180-196.
- SANVITTO, M. L. A. As Questões Compositivas e o Ideário do Brutalismo Paulista. Porto Alegre: **ARQTEXTO** (UFRGS), v. 1, p. 98-107, 2002. Disponível em: <http://www.ufrgs.br> Acesso em maio de 2013.
- SPADONI, Francisco. Dependência e Resistência, transição na arquitetura brasileira nos anos de 1970-1980. São Paulo: **Arquitextos 120.00**, nov. 2008. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br> Acesso em maio de 2013.
- VASCONCELOS, Isamara Martins. **A Federalização do ensino superior no Brasil**. Brasília: dissertação de mestrado em Sociologia UNB, 2007.
- ZEIN, R. V. "Brutalismo, Escola Paulista: entre o ser e o não ser". Porto Alegre: **ARQTEXTO** (UFRGS), v.1, 6-31, 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em maio de 2013.
- ZEIN, R. V. Breve introdução à Arquitetura da Escola Paulista Brutalista. São Paulo: **Arquitextos 069.01**, 2006. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em maio de 2013.
- ZEIN, R. V. Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado). São Paulo: **Arquitextos 084.00**, 2007. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em maio de 2013.

¹ Vide histórico da UFBA disponível em <http://www.ufba.br/historico>. Acessado em agosto de 2013.

² A primeira proposta de concentração de edifícios nos bairros do Canela e da Graça foi do escritório do Rio de Janeiro dos arquitetos Geraldo Câmara e Wladimir Alves de Souza. (Fontes, 2010, p.94) Outras fontes indicam que o plano era de autoria de H. J. Pujol. (Dourado, 2013)

³ No Canela são implantados o Hospital das Clínicas (1937-1948), a Reitoria (1952), o Instituto de Cultura Francesa (atual Instituto de Saúde Coletiva, 1955), o Instituto de Cultura Hispânica (atual Instituto de Ciência da Informação), o Seminário Livre de Música (1956), Faculdade de Enfermagem (1956) a Faculdade de Odontologia (Comercial Construtora Delta, 1958) Na Graça é instalada a Faculdade de Direito (Arquiteto Décio Machado, 1957-1961). Ainda assim, há alguns edifícios que permanecem em outros lugares da cidade, como é o caso da Faculdade de Economia na Praça da Piedade (Companhia Construtora Nacional, 1953-1956) e da Faculdade de Filosofia no bairro de Nazaré (1956).

⁴ Escola Politécnica da UFBA – Projeto de Diógenes Rebouças -1955-1960

⁵ A UFBA possui desde então dois campi: o Campus do Canela e o Campus da Federação, que atualmente em suas cotas mais altas permanece sendo chamado de Federação e nas mais baixas Campus de Ondina.

⁶ Com a ampliação do Campus pretendia-se que o Canela seria a parte das Ciências Humanas e Biológicas e a área da Federação ficaria com a área de Tecnologia, uma vez que já estava ocupada pela Escola Politécnica. (Dourado, 2013)

⁷ O MEC-BID I – foi um dos programas vinculados a contrato de empréstimo internacional feito pelo Governo Federal visando a qualificação de algumas universidades “a partir de 4 suportes: edificações, equipamentos, assistência técnica, treinamento e capacitação de pessoal.” (RODRIGUES, 1996, p.181).

⁸ Essas e várias outras informações sobre os acontecimentos e processos expostos nesse artigo foram fornecidas pelo arquiteto Luiz Dourado em documento escrito e entrevista em julho de 2013.

⁹ As referências ao projeto da FAUFBA foram extraídas do Guia de Arquitetura e Paisagem de Salvador e Baía de Todos os Santos que consta na Bibliografia.

¹⁰ Um mezanino foi construído posteriormente no local, projeto de Heliodório Sampaio, 1983.

¹¹ Na parte sul do terreno foi posicionado o módulo da pós-graduação, projeto de João Filgueiras Lima, 1988.

¹² O arquiteto Luiz Dourado colaborou como estagiário do projeto da Faculdade de Arquitetura, sendo responsável pelo detalhamento dos projetos da escada em caracol e pelos pilares do pórtico. O projeto estrutural foi desenvolvido pelo Escritório de São Paulo de Mário Franco e Júlio Cassoy. (Dourado, 2013)

¹³ Projeto com participação de Luiz Dourado, Carlos Campos e Analdino Lisboa, foi premiado pelo IAB-BAHIA, na Categoria de Educação. (Dourado, 2013)

¹⁴ Projeto com maior participação de Luiz Dourado e Carlos Campos (Dourado, 2013)

¹⁵ Projeto com maior participação de Luiz Dourado. (Dourado, 2013)

¹⁶ Não foram encontrados documentos que revelem as características originais desse edifício.

¹⁷ Projeto com maior participação de Analdino Lisboa. (Dourado, 2013)

¹⁸ Provavelmente pela presença mais intensa do arquiteto Luiz Dourado nos dois projetos, mesmo que com parceiros distintos, as soluções são muito similares.

¹⁹ De responsabilidade da Coordenadoria de Desenvolvimento das Instalações do Ensino Superior do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura foi constituído o Programa de Desenvolvimento Físico de Campus de Universidades Federais - resultado de empréstimo entre o BID e o Governo Federal (contratos 305/OC-BR e 495/SF-BR) de 11.02.76, com previsão para finalização de execução em 1981, mas que segundo documentação de Dourado vai até 1983.

²⁰ Participaram também do ETA: Antônio Dantas Fontes, Dilson Souza Santos, Fernando José Fahel, Guilherme dos Santos Ramos, José Luiz de Lalor Imbiriba, Lícia Maria dos Santos, Lídia Luz Conceição de Cerqueira, Maria Cristina Guedes Machado Mello. Vide FONTES, 2010 (p.116).

²¹ Vale ressaltar a preocupação com o uso otimizado dos recursos e a ideia de padronização modulada das soluções que remete as questões da industrialização da construção em franco desenvolvimento no Brasil naquele período.

²² A saber: a Letras, a Dança, o Teatro, a Música, as Belas Artes, a Administração Central e o Pavilhão de Aulas do Canela (PAC).

²³ Desenvolvida principalmente pelo arquiteto Antônio Celso,

²⁴ Projeto de Dourado em parceria com Fernando José Fahel e Maria Cristina Machado.

²⁵ Pautado na excelência do funcionamento, foi consultora para esse projeto a nutricionista Olga Laskani e segundo Dourado a obra visitada como referência foi a FUNDUSP em São Paulo.

²⁶ A outra ala está atualmente sendo construída e pelo que parece segue a volumetria e soluções externas propostas bastante semelhantes às indicações gerais do projeto dos anos 70.

²⁷ Na solução atual o destaque fica para o interessante brise horizontal destacado da fachada em vidro da frente e o estranho plano duplo dos vidros na face dos fundos do edifício que dão para a encosta.

²⁸ Devido à excepcionalidade da obra do Restaurante Universitário, Luiz Dourado foi convidado para projetar o Restaurante da Universidade Federal de Sergipe, que em convênio com o MEC, foi o responsável pela proposta que até se mantém em bom e pleno funcionamento.

²⁹ EPUCS – Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador, coordenado por Mário Leal Ferreira durante os anos 40.